

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

EDITOR

José Antonio Fontes, Sobrião

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Cancellia Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 17 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 29 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 53 n.ºs, 1,5000 reis — Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3,5000 reis). Seres de 26 n.ºs, 8 francos (ou 1,5000 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 6,5000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

Um grande homem
Notas d'um lisboeta—ANSELMO.
Echos.
A Segunda Incursão Monarchica—JOAQUIM LEITÃO.
Pragmatismo — HENRIQUE DE PAIVA COU-CHEIRO.
Chronica Militar—SATURIO PIRES.
A obra de resurgimento—JOAQUIM LEITÃO.
Moral Politica—EDUARDO LUPI.
Semana mundana
Folhetim—A Chica—Lulu anti-clerical—ANSELMO.
Carta de Lisboa — RAUL.

Um grande homem

Dissemos ha tempos, quando da subida ao poder do sr. Affonso Costa, que se fossemos nós, monarchicos, a resolver dentro da Republica a crise ministerial aberta pela demissão do governo presidido pelo sr. Duarte Leite, outra solução lhe não dariamos senão precisamente aquella que lhe deu o sr. dr. Manuel d'Arriaga, aliaz contra toda a logica e toda a coherencia, pois que, chamando o sr. Costa a formar gabinete, o mimoso auctor das *Cartas Sagradas* a si proprio deu um formidavel cheque, que outra cousa não foi entregar as redes da caranguejola ministerial a quem tinha como programma ideias e propositos absolutamente oppostos áquelles que o chefe de Estado pouco antes publicamente affirmára serem indispensaveis e urgentes para o prestigio e para os interesses da Republica.

De então para cá os factos se tem encarregado de ir provando dia a dia, quanto teria sido habil da nossa parte chamar á gerencia dos negocios publicos e encarregar da manutenção do prestigio e da defeza dos interesses da Republica, que desejamos vêr rapidamente mergulhada nas sombras do passado, o homem que, como ninguem, tem sabido offender as crenças de toda a gente, desrespeitar os direitos de cada um, agravar os sentimentos de cada qual e defraudar legitimos interesses de todas as classes.

E' certo que da sarabanda final com que ameaça terminar este periodo republicano, sahirá o paiz gravemente combatido e só á sua extraordinaria vitalidade e resistencia, que tem conseguido fazel-o triumphar, atravez os annos, de tanto desvario, elle deverá o poder ainda, n'um futuro relativamente proximo, desviar caminho, e, fugindo das portas da Morte, enfiar pelos largos e arejados corredores da Vida, como, se o não disse ainda, é muito capaz de o dizer qualquer dia o insubstituivel sr. Antonio José d'Almeida nos seus hilariantes artigos de fundo.

E' certo isso, mas não menos certo é que se apoz o fracasso da segunda incursão monarchica, que algumas almas timoratas ou descrentes consideraram e algumas creaturas espantadiças apontaram como a perda de todas as esperanças de salvação da Patria, o paiz não tivesse tido a ventura de experimentar d'uma forma directa a acção d'um governo presidido pelo sr. Affonso Costa e

sahido do partido que é representado na rua pela Carbonaria, na imprensa pelo *Mundo*, no exercicio pelo sr. Xavier Barreto, na marinha pelo sr. Ferreira do Amaral, no commercio pelo sr. Grandella, e em nossas casas pelo moço que faz os recados e pela mulher que esfrega as escadas,—muito provavel seria que as paparretices do evolucionismo ou as ambiguidades de mais algum ministerio de concentração, levassem o portuguezinho valente a conservar-se por detraz da cortina, espreitando com natural curiosidade se iria por deante a restauração da Monarchia, mas tendo o cuidado de se não metter na contenda, não fosse o caso que a Republica levasse a melhor.

Por mais algum tempo o edificio republicano se iria assim mantendo até que, minado nos alicerces, se iria repentinamente abaixo, quando menos se esperasse, sem que á primeira vista se percebesse bem porquê, e talvez mesmo no preciso momento em que o evolucionismo, delirante e envaidecido, lhe estivesse de novo pintando a fachada para a festiva collocação de alguma lapide commemorativa.

Mas com a chamada do sr. Affonso Costa ao governo as cousas tomaram um muito melhor aspecto para aquelles que nas prisões, embora em meio de tormentos crueis, sonham, não apenas com a propria liberdade, mas com a libertação da Patria, e para aquelles que no exilio, de olhos fitos n'uma nesga de terra que o Oceano banha, anseiam, entre amarguras e tristezas, pelo regresso ao torrão onde nasceram e onde jazem entes que lhe foram queridos.

Toda a acção do sr. Affonso Costa tem tido para os que desejam a liquidação final de um periodo de incertezas intoleraveis, o alto valor dos... pontos nos i...

A ninguem hoje pode restar uma illusão, pode luzir uma esperanza de que seja só... o visinho a perder a liberdade, a ser arruinado, a ser perseguido. Aos que *precisam ganhar* não resta a egoista previsão de que a Republica só attingisse os que tem *que perder*; aos operarios foi desvendado que não eram só os patrões que soffreriam; á agricultura que não era só aos politicos que se tolheriam todas as liberdades; ao funcionalismo publico que não era apenas aos padres que se poria o pé no pescoço; aos partidos avançados que não era apenas aos conservadores que se estrangularia a liberdade de opinião; aos pobres que não era só aos ricos que se procuraria esmagar e aos ricos que não era só aos pobres que se procuraria espezinhar.

Com a sua obra tem felizmente demonstrado o governo do sr. Affonso Costa que nenhuma classe poupa, que ninguem logrará escapar-se ao esmagamento pelo seu automovel triumphante.

A situação está posta clara e nitida para todos.

E' precisamente isso é que se estava tornando indispensavel n'este paiz, onde cada qual considera que as cousas não vão tão mal como dizem... em quanto se não mettem com elle e em que cada classe entende que se não deve incomodar com o que ás outras se esteja fazendo... de mau, porque se é de

bom, mexe-se logo para que melhora lhe caiba tambem.

A situação está posta, repetimos, clara e nitida, e esse grande favor devemol-o ao sr. Affonso Costa.

Não ha nenhuma classe que elle não tenha aggravado, cujos interesses não tenha prejudicado, cujos direitos não tenha espezinhado.

Por todo esse paiz não ha ninguem que possa pensar em continuar por detraz da cortina vendo arderem as barbas do visinho, porque ninguem ha que não sinta já o fogo nas proprias barbas.

Isso mesmo é que se queria, isso mesmo é que era preciso, para que de vez a situação ficasse definida.

Hoje, graças ao sr. Affonso Costa, todo o paiz, todas as classes, toda a gente vê d'uma forma inilludivel que não pode recuar nem mais um passo.

Ora era d'isso mesmo que o paiz precisava que o convencessem.

Muito obrigado, sr. Affonso Costa.

Notas d'um Lisboeta

Instrução Militar

Hontem em infantaria 5, aos manobros que foram receber instrução militar preparatoria, limitou-se essa instrução ao ensaio do côro da *Portuguezia* e á recommendação de que apenas dessem vivas ao sr. Presidente da Republica e ao sr. Affonso Costa.

De um jornal de Lisboa.

Lembrando-nos de que o commandante de infantaria 5 era o antigo monarchico sr. Salsafresca, hoje convicto republicano, procuramol-o logo para saber o que havia de verdade na noticia dos jornaes.

—Senhor Salsafresca, dissemos logo que o militar illustre nos recebeu.

—Fresca... fresca... era bem bom, murmurou melancolicamente o antigo chefe do gabinete do sr. Pimentel Pinto, apontando as rugas que lhe sulcam o rosto, cavadas decerto pelas lagrimas ardentes vertidas n'aquella caçada aos conspiradores de Cabeceiras de Basto, pois claro está que um homem não atira assim a matar sobre os que defendem o regimen que lhe deu vida regalada, sem verter algumas lagrimas ardentes. Fresca... fresca... isso foi tempo.

Olhamol-o um momento e proseguimos modificando um pouco o nosso discurso:

—Pois, senhor Salsapicada, vimos aqui por causa d'aquelle caso da instrução militar lá á rapaziada do seu regimento. Não acha Vossa Senhoria que como instrução militar isso de se ensinar aos recrutas apenas a dar vivas ao Presidente da Republica e ao sr. Affonso Costa, e a cantar em côro a *Portuguezia*... é talvez pouco?

O sr. Salsapicada abanou a cabeça e respondeu:

—Não... Não é pouco... Até pelo contrario é demasiado.

—Demasiado?! exclamámos.

—Sim... demasiado, e eu lhe vou dizer porquê.

Levantou-se, foi junto da porta certificar-se de que estava bem fechada, cor-

reu o pesado reposteiro, e voltou para junto de nós.

Depois em voz baixa disse:

—Isto aqui entre nós... hein?...

Traçámos no ar, com o indicador, um circulo; marcámos ao meio um ponto e, laconicamente, assegurámos:

—Um poço.

—Bem... Pois acho já demasiade que se lhes tenha ensinado tanta cousa, proseguiu Sua Senhoria.

E, abrindo os braços, com um encolher de hombros, perguntou-nos:

—Para quê os vivas ao Presidente?...

Para quê o côro da *Portuguezia*?... Para quê?...

—Talvez para...

Mas o sr. Salsapicada não nos deixou continuar:

—Para quê estar a ensinar aos rapazes cousas que não são precisas? Para quê estar a encher-lhes a cabeça com mais historias, com mais lérias, se basta ao nosso soldado, como instrução militar, que elle saiba dizer, que elle saiba berrar a plenos pulmões: *Viva o dr. Affonso Costa!*

—Ah! Vossa Senhoria considera então que isso basta?...

—E' claro que basta... Qual é a missão do soldado?

—Isso é conforme... A do soldado turco é apanhar bordoadas, a do soldado bulgaro é dal-a, a do soldado portuguez é nem dal-a, nem leval-a, que para isso mesmo é que ha tantos carbonarios a oito tostões por cabeça e por dia.

—Não... não... não é isso, exclamou phreneticamente o sr. Salsapicada. A missão do soldado é vencer o inimigo... Ora para que o soldado portuguez vença o inimigo, nacional ou estrangeiro, basta que saiba dar vivas ao Affonso Costa.

Muito francamente declarámos que não percebiamos, e então Sua Senhoria teve a bondade de nos explicar:

—A causa é simples... Hoje toda a gente sabe tanto cá dentro como lá fóra o que o Affonso Costa tem feito ao paiz... Sim... não ha ninguem que o ignore... Ora imagine que ha uma guerra, quer seja entre portuguezes, quer seja com estrangeiros. Os nossos soldados avançam para o inimigo... E chegados a certa altura desatam todos ao mesmo tempo aos vivas ao Affonso Costa... O que succede?... Sim... o que succede?

E como nós não conseguissemos acertar com o que succederia, o sr. Salsapicada amavelmente esclareceu:

—O que succede?... Succede que o inimigo, que sabe muito bem o que Affonso Costa tem feito, ao ouvir os vivas dos soldados, diz lá com os seus botões: *O quê?... Elles ainda em cima lhe dão vivas?!... Estão doidos... não ha duvida que estão doidos...*

E, cruzando a perna e recostando-se na cadeira, Sua Senhoria concluiu:

—E como já o outro dizia que *com doidos ninguem se metta*... é uma debandada geral, e a victoria é nossa.

Olhamol-o surprehendidos e recusando um charuto que Sua Senhoria nos offertava, murmurámos para comosco:

—Pois, Salsapicada, havia no tempo da Monarchia quem dissesse que não eras d'uma esperteza por ahi além... Mas és mais esperto do que suppunhamos.

Anselmo.

ECHOS

Cem talheres

O Mundo fez muita troça do sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, porque um famoso banquete de dez mil talheres que os evolucionistas diziam que se realisaria no Porto em honra do seu chefe, ficou reduzido ao modesto jantar de cem talheres que se realisou ha poucos dias.

Ora manda a verdade que se diga que o jantar não foi de dez mil talheres, não por falta de convivas, pois para comer e de borla os proprios correligionarios do sr. Affonso Costa se promptificariam a tomar parte no convite,—mas sim... por falta de talheres.

E porque faltaram os talheres? Pela muito simples razão de que não ha ninguem no Porto que não tenha tido conhecimento da seguinte informação da policia publicada, com o titulo: *Queixa de furto*, no jornal *O Porto*, de 9 de Março de 1911:

«O sr. André Martins, proprietario e gerente do Restaurante do Palacio de Crystal, queixou-se no commissariado de policia de que nos banquetes realisados (em honra do sr. Affonso Costa) no Palacio, nos dias 5 e 12 do mez findo, lhe furtaram talheres de christople no valor de 135\$000 reis, sendo quatro duzias de colheres de chá e onze duzias de talheres completos. A queixa foi entregue á policia judiciaria para proceder ás necessarias averiguações.»

Queriam talvez o Mundo que os proprietarios dos restaurantes, depois d'um exemplo d'aquelles, cahissem em tomar conta de mais banquetes republicanos em que não fosse possível ter cada convidado vigiado por um creado!... Só se elles fossem tolos!...

Cem convidados ainda se vigiam... mas dez mil não.

Por isso o jantar ao sr. Antonio José d'Almeida foi apenas de cem talheres. Pense o sr. Affonso Costa em que lhe offereçam outro banquete, como aquelles de 1911, e verá se algum se encarrega de o fornecer sem a condição de que elle, como o que foi offerecido ao sr. Almeida, tambem seja de... sem talheres, com perdão do sr. Menonça e Costa.

Verdade historica

A Nação a proposito de um discurso do sr. Piconico Celorico quem te deu tamanho bico, illustre deputado evolucionista, diz o seguinte:

«Parece-nos que o sr. deputado Celorico «Gil não foi bem informado. O que o tal director do jornal, que teve a felicidade de não ser perseguido, andou a tratar na noite de 1 de fevereiro de 1908, não foi de revoluções, mas sim de cousa absolutamente oposta a quaesquer actos de força. N'essa enoute tragica todo o empenho dos dirigentes e republicanos, entre os quaes se conta o tal director, foi o de tirar o governo ao dictador e para isso se trabalhou junto dos chefes monarchicos, conseguindo assim levar a corôa a entregar-se nas mãos da veneranda «reliquia». Assim é que se respeita a fidelidade historica.»

Desculpe o nosso illustre collega, mas a cousa não foi bem assim.

Esse joguinho da veneranda reliquia é um pouco mais complicado.

Por isso diga lá o nosso illustre collega ao sr. deputado Piconico Celorico quem te deu tamanho bico, e diga-o da nossa parte que tu que não sabes e eu que sei, cala-te tu que eu me não calarei... quando chegar a occasião devida.

A razão

O nosso illustre collega a Nação, transcrevendo alguns periodos de um vigoroso artigo do sr. Alfredo Pimenta, redactor da Republica, contra o sr. Affonso Costa, diz não se comprehender que a attitudé manifestamente violenta da imprensa evolucionista contra a politica destructiva do sr. Affonso Costa, não encontre no Parlamento o echo que era de esperar e que as circunstancias impõem.

Da parte do nosso illustre collega ha uma ligeira confusão.

Não é a imprensa evolucionista que tomou uma attitudé violenta contra a politica do governo. Essa attitudé é apenas do sr. Alfredo Pimenta que, não se comprehendendo como accéita por chefe o sr. Antonio José d'Almeida, mantém dentro do seu partido uma linha de conducta que dá a impressáo de que no evolucionismo ao menos ha um homem que se não desfaz na massa encephalica do chefe, quando do lado dos contrarios lhe respingam.

O resto é o que a Nação tem visto. Foi o diacho aquelle suizo eminente, com quem o sr. Antonio José d'Almeida se encontrou, não lhe ter explicado muito claramente que, se não tinha animo para a lucta, se deixasse estar socegado em vez de rompêr com o sr. Affonso Costa.

Teria assim evitado a esse pobre diabo a figura que para ahí tem andado a fazer.

E não haver ninguem que lhe compre um cão, já que o não compra elle!

Sapateiro

Um jornalista republicano, dado ás reflexões philosophico-recreativas, pergunta, de embirração com a sociedade que lhe parece não estar no devido apuro: *Quem nos afirma que o sapateiro, a quem a estupidez d'uma organizada sociedade, atirou criminosamente para um vão de escada, não é um sabio?*

Apoiado... Mas ha mais, excellentissimo senhor, ha mais:

Quem nos afirma que o sabio, a quem a estupidez d'uma organizada sociedade, atirou levemente para uma academia, não é um sapateiro?

O sr. Cabreira, por exemplo. Não fallando já, é claro, no sr. Nunes da Matta, que esse não o atirou a estupidez da organizada sociedade nem para uma academia, nem para um vão de escada.

Atirou o para o Senado, que não é vão de escada, embora lá se faça cada par de botas que o paiz verá se alguma vez as pode descalçar!...

Fraternidade

Porque, tendo sido um preto o vencedor de umas corridas pedestres ha pouco realisadas, não tivesse havido da parte do publico qualquer commentario menos amavel, conclue o sr. Mayer Garção que os portuguezes teem o sentimento da egualdade e da fraternidade humanas.

Ora a verdade é que essa demonstração já a tinham dado os portuguezes ha bastantes annos.

O sr. Henrique de Vasconcellos que o diga.

Veio preto para Lisboa, a Monarchia consentiu que elle se apresentasse como mulato e a Republica por fim promoveu-o a branco.

Só falta que o elevem agora a furta côres, o que deve ser a ambição suprema de um homem que, sem as taes egualdade e fraternidade humanas, de que falla o sr. Garção, estaria ainda a estas horas no sertão, de argola no nariz, a furtar bananas.

Carbonaria

Segundo diz a *Revista Catholica* ha muita gente que desejaria saber quanto custa ao paiz a Carbonaria.

Pois, illustre collega, ha um meio muito simples de o saber: é derrubar a Republica.

A curiosidade d'essa gente, que quer saber quanto custa a Carbonaria, é tão grande que a leva a dar-se a esse incommodo?

Parece-nos que não.

E o nosso illustre collega bem vê que um paiz que se não levanta contra os que o opprimem, o vexam e o exploram, e que o não faz nem por patriotismo, nem por dignidade, nem por conveniencia e nem mesmo... por curiosidade, o que tem a fazer, não é perguntar quanto custa a Carbonaria... E' pagar e calar.

O mais que se lhe pode permittir é que de vez em quando esboce um gesto de protesto, e isso mesmo apenas para que á Carbonaria se forneça occasião de patentear... que todo o paiz tem mêdo d'ella.

Bem feito

Um semanario de Famalicão noticiou que foram chamados á presença do administrador do concelho o padre Joaquim Ferreira de Loureiro e uma velha creada do sr. Antonio da Costa Araujo, o primeiro por ter levantado um viva á Religião Catholica, Apostolica, Romana, e a segunda por ter deixado de comprar os generos de consumo n'um estabelecimento commercial d'aquella villa.

Achamos muito bem feito.

Dar um viva a uma religião que tem perto de vinte seculos e que o sr. Affonso Costa prometteu liquidar em tres tempos e duas gerações, indica o lamentavel proposito de pôr difficuldades ao programma do governo, procurando fazer com que o chefe não liquide a Religião no praso marcado.

Quanto á velha creada não vemos que ella possa pagar o seu erro com menos de 8 annos de Penitenciaria e 20 de degredo.

E comprehende-se. Um honrado cidadão abre uma loja para ganhar a sua vida. Como a loja não faça muito negocio, o honrado cidadão entra para a Carbonaria. Como os oito tostões diarios não lhe chegam, começa perseguindo os que em vez de comprarem na loja d'elle vão fornecer-se em estabelecimentos concorrentes. Consegue assim que, por prudencia, muita gente passe a ser seu freguez. E justamente quando o negocio começa a render é que uma velha creada se lembra de reagir, passando a fornecer-se n'outra loja!

Francamente... pôte ficar sem castigo semelhante acto? E' claro que não.

Se fôsse permittido que qualquer pessoa deixasse de fazer compras nas lojas de carbonarios ou de amigos de carbonarios, não valia a pena ter proclamado a Republica, terá dito, e com muita razão, o negociante famalicalense.

E' natural

O Socialista indigna-se muito porque foi nomeado para fazer parte do Conselho Disciplinar do Ministerio das Colonias o sr. Eusebio da Fonseca que, segundo recordava ha dias o *Intransigente*, foi accusado de gatuno no Parlamento republicano.

Se assim é e se o ministerio das colonias é realmente aquella Caverna de Caco descrita pelo sr. Alfredo de Magalhães, não vemos motivo para espantos, pela nomeação noticiada pelo *Socialista*.

Tambem no Limoeiro é um dos presos o encarregado de velar pela ordem e disciplina de cada sala.

Boato

Dizem as *Novidades* que se afirma que o sr. Alfredo de Magalhães entrará em breve para o ministerio presidido pelo sr. Affonso Costa, indo occupar a pasta do interior, em substituição do sr. Rodrigo Rodrigues que voltará a cumprir a pena na Penitenciaria por não estar vago nenhum lugar em possessões de 2.ª classe.

Pedimos licença ás *Novidades* para não acreditarmos que a afirmação seja verdadeira... por enquanto.

O sr. Alfredo de Magalhães ainda vae na sua terceira conferencia.

Deixem ver as *Novidades* a quarta conferencia... depois a quinta... e então lhes diremos se o sr. Alfredo de Magalhães, no duello que annunciou com o ministerio das Colonias, ainda lhe vibra o golpe d'uma sexta conferencia ou se se declara *touché*... pela pasta do interior.

Por enquanto ainda é cedo para affirmações como aquella de que as *Novidades* fallam.

E a proposito, já que fallamos nas *Novidades*.

Tinhamos ou não tinhamos razão em dizer que era para admirar como Rocha Martins, que é um brilhantissimo jornalista e que estava publicando bellos artigos nas *Novidades*, ainda não tivesse sido, por isso mesmo, posto de banda?

Vejam lá se o deixaram continuar!...

Como Rocha Martins deve ter saudades do tempo em que trabalhava em jornaes onde lhe não levavam a mal que tivesse mais valor e fosse mais brilhante que os outros!...

Apoiado

Diz a *Republica*, órgão do sr. conselheiro Almeida que *ha pois que tomar a direcção de um movimento nacional legal que colloque esta Republica (a que governa o paiz) no lugar que lhe pertence.*

Estamos perfeitamente de accordo, e cremos que de accordo está tambem o sr. Affonso Costa em que é indispensavel que se ponha a Republica no lugar que lhe pertence.

E assim o cremos porque ainda ha dois dias disse um jornal republicano da provincia que continua vaga aquella cella da Penitenciaria que o *Dia* noticiou ser a unica que não estava occupada.

Jornalismo

O Mundo publicou ha dias a noticia de que na repartição dos Impostos entrará um requerimento do snr. Arronches pedindo o lugar de chefe dos impostos, e sobre essa noticia fazia a gazeta de S. Roque uma larga especulação politica, por ser evolucionista o requerente.

Pois no dia seguinte apparecia uma carta d'esse mesmo sr. Arronches fazendo a proposito da local do Mundo estas pequeninas retificações: que tal requerimento não podia ter dado entrada na repartição dos Impostos, pois o sr. Arronches não requerera nem queria tal lugar.

Ha-de confessar-se que, como honestidade de processos jornalisticos, o Mundo deixa a perder de vista a *Cornêta do Diabo*.

Espiões e denunciantes

A espionagem e a denuncia entraram, com a implantação da Republica, nos habitos do paiz.

D'antes havia uma policia á qual se pagava para fiscalisar e para indagar de quaesquer infracções á lei e de prevenir e evitar a realisação de crimes. Os desgraçados que a essa policia pertenciam eram, ora desdenhosos, ora odientamente, chamados *bufos* pelos jornaes republicanos.

Depois da implantação da Republica já se viu um conhecido medico deixar-se passar por outra pessoa, fingir que era realmente um outro medico a quem um collega desejava fallar em particular, ouvir revelações, ou palavras que como tal tomou, confidenciaes, accéitar uma entrevista com outras pessoas para poder descobrir quem ellas eram, e em seu lugar mandar a policia a quem denunciára as faltas de que,—mercê de uma confusão que elle não procurou logo desfazer e antes prolongou propositadamente,—tivera conhe-

cimento e pelas quaes fez metter na cadeia dois homens, medicos como elle, seus collegas, e um dos quaes está hoje por isso gravissimamente enfermo.

Viu-se isso e não se viu que os jornaes republicanos chamassem *bufo* a esse conhecido medico, que é hoje senador e por signal que é aquelle mesmo senador a quem o sr. Affonso Costa tratou desprezadoramente ha dias no Senado, dizendo-lhe pouco mais ou menos que tinha mais que fazer do que estar alli a aturar-lhe as prelegas.

Viu-se tambem, pelo depoimento de uma testemunha n'um recente julgamento do tribunal de Santa Clara, que o sr. Corrêa Barrêto quando ministro da guerra convidára um official do exercito a desempenhar o papel de espião, fingindo-se monarchico, e entrando num pretendido *complot* para descobrir as suas ligações e tentar comprometter o seu camarada capitão-medico, dr. Carlos Lopes, convite que esse official accéitou encarregando-se da missão.

Não se viu, porém, que os jornaes republicanos chamassem a esse official do exercito, como o não chamaram ao outro, esse medico especialista em doenças do coração, tudo aquillo que chamavam desprezadoramente aos policias da judicaria e da preventiva.

Quer isto dizer que na sociedade republicana o papel de *bufo* entrou definitivamente no numero de papeis que medicos ou officiaes do exercito podem desempenhar sem se enlaamearem... na opinião, é claro, dos homens do Regimen.

Pois como se fossem ainda poucas as faltas d'esse genero, para degradarem e desmoralisarem um povo, a Companhia dos Phosphoros apparece agora publicando annuncios em que incita á espionagem e á denuncia, prometendo recompensar quem lhe dê informações de que resulte a condemnação por fraudes praticadas em prejuizo dos exclusivos que aquella Companhia tem.

Ora para esse serviço teem a Companhia e o Estado os respectivos guardas fiscaes. Fazer esses annuncios e garantir que será guardado segredo sobre os denunciantes é, creia a direcção da Companhia, uma cousa *vêles*, desculpe-se-nos o termo, pois é incitar e contribuir poderosamente para que ainda mais se degrade e se avilte a sociedade portugueza, que tão degradante e tão aviltada se tem mostrado já desde a proclamação da Republica, para não dizer desde o regicídio.

Não sabemos quem sejam hoje os directores da Companhia dos Phosphoros e não temos agora meio de o saber de momento. Mas não temos motivo para crêr que elles não sejam pessoas de caracter a quem não repugne o que ha de *vêles* em semelhante annuncio, em que talvez nem tenham dado tento.

Pois mandem-n'o retirar dos jornaes que, estamos certos, a maioria dos accionistas da Companhia dispensam bem os tantos por cento a mais que lhes podem resultar dos efeitos d'esses annuncios.

Não incitem á denuncia e á espionagem um povo para cujo aviltamento já bastam exemplos, como o de um official do exercito e o de um conhecido medico.

Dívida Pública

Em dois annos os governos da Republica teem fabricado 24:000 contos de titulos da divida publica, e com elles tem garantido emprestimos na importancia de 10:500 contos.

Nos mesmos dois annos a divida publica augmentou cerca de 22 mil contos, ou sejam perto de 900 contos de reis por mez.

Estes numeros que resultam do relatório da Junta de Credito Publico referem-se a 30 de junho de 1912. De então para cá já passaram nove mezes, o que nos permite, pela media dos mezes anteriores, calcular que a divida publica augmentou durante esse periodo mais 8:100 contos de reis, ou seja no total um augmento de cerca de 30:000 contos na divida publica, e mercê da habilidosa, escrupulosa e redemptora administração republicana.

E' muito? Sim... é muito.

Mas em todo o caso convem notar que, se durante esse periodo a Republica nem fez caminhos de ferro, nem estradas, nem melhoramentos no paiz, e antes muito pelo contrario tem deixado que tudo que havia feito se esteja arruinando por falta dos necessarios trabalhos de reparação e conservação, o facto é que os governos republicanos tiveram... tiveram... as duas incursões realistas que, dizem elles, custaram ao paiz mil e tantos contos.

Ora isto é importante... Mil e tantos contos de despeza, aliaz compensada no orgamento pela economia de 1:500 contos feita n'estes tres annos com o desaparecimento da lista civil, são sufficientemente elucidativos sobre o augmento de 30:000 contos na divida publica.

Só quem estiver completamente obcecado pelo facciosismo politico é que não comprehende que nada ha mais natural e justificado do que ter augmentado a Republica a divida publica em 30:000 contos, desde que teve de gastar com as incursões realistas mil e tantos contos, despeza essa que de mais a mais estava compensada pelas economias das despezas com a lista civil da Casa Real.

E' preciso ser justo.

Excursão

A *Lucta*, porque lhe tenha constado que monarchicos dizem que a Republica se irá abaixo sem necessidade de nova incursão, diz que tambem lhe parece que d'esta vez tudo se resolverá com uma... excursão.

Da outra vez a cousa não ficou resolvida, effectivamente, mas não o esperava o sr. Brito Camacho que sempre foi julgando oppurtuna e prudente uma excursão... ao Canadá, que á ultima hora substituiu por uma passeata a Paris, por ter sabido a tempo que as cousas não estavam tão feias, como se dizia, não lhe valendo portanto a pena ir tão longe e com tanta demora.

Agora falla de novo em excursão... Naturalmente é outra que, prudente como é, elle premedita para o caso de se lhe afigurar que cheira a chamusco.

Quando foi do 28 de Janeiro, em Lisboa, o sr. João Chagas estava preso. Quando foi do 31 de Janeiro, no Porto, estava preso tambem o sr. João Chagas. Um republicano que a *Lucta* conhece muitissimo bem, fazia notar, cheio de veneno, que o sr. João Chagas arranjava sempre as cousas de maneira, que quando rebentava uma revolução estava com as costellas seguras dentro d'um calabouço.

Pois palpita-nos que ao sr. João Chagas será dado o prazer de indirectamente se desforrar observando a seu tempo que o sr. Brito Camacho soube arranjar as cousas de maneira que,—em rebentando o conflicto formidavel que só quem fôr cego não vê claramente desenhar-se no descontentamento de toda a gente,—terá as costellas seguras no estrangeiro.

Onde as terá o sr. João de Menezes, que já por um triz não ficou com ellas n'um feixe quando foi dos tumultos no largo das Côrtes?

Dama das Camélias

O sr. Ferreira do Amaral,—asseguram-n'o varios jornaes,—realizou uma conferencia sobre defeza nacional n'um theatro de amadores e durante o intervalo de dois actos da *Dama das Camélias*, peça que n'essa noite se representava.

Os jornaes que noticiam o facto, estranham que se tivesse escolhido aquelle local, aquella peça e aquella noite para uma tal conferencia e um tal conferente.

Affigura-se-nos que a superabundancia de pontos de admiração nos caixotins lisboenses leva os nossos illustres collegas a admirarem-se de cousas que não são para surprender.

Foi publicado recentemente em Paris um artigo em que se demonstrava que a Marguerite Duval, a heroína da peça de Dumas, não fallecera da tísica, mas sim das consequências de não ser conhecido ainda n'esse tempo o Depurativo Dias Amado, nem ter sido feita sufficiente publicidade da casa de saude de Faro.

Visto que tal cousa está apurada não comprehendemos que tenha de estranho o ser entre dois actos da *Dama das Camélias* que realisa uma sua conferencia um illustre estadista politicamente atacado do mesmo mal e n'uma idade em que já não ha possibilidade de cura e em que ao doente só resta ir deixando-se apodrecer até final.

O que aliás o sr. Ferreira do Amaral tem feito com uma meticulosidade espantosa.

Uma mania

Um qualquer jornal do Fundão,—na ancia de fazer o papel de denunciante, talvez porque lhe parece que a imprensa se não tem rebaixado bastante ainda,—quer por força que o nosso semanario seja uma publicação clandestina e como tal a denuncia ao sr. ministro do Interior, para que este nos mande apprehender os numeros do *Correio* em todas as terras do paiz, como já no Fundão o sargento da guarda republicana mandou apprehender alguns exemplares que o nosso agente distribuiu pelos assignantes e puzera á venda.

A mania da gazeta em questão não deixa de ser curiosa.

O nosso semanario cumpriu todas as disposições da lei de imprensa, tem sido enviado a todas as autoridades e entidades a quem, segundo a mesma lei, deve ser remetido, publica-se no Porto, é vendido em todas as terras do paiz e distribuido pelo correio a todos os assignantes.

Pois apesar d'isso a tal gazeta do Fundão quer que o sr. ministro do Interior mande apprehender o *Correio*... por ser uma publicação clandestina.

Temos encontrado na imprensa muitos pobres de espirito e muitos falhos de caracter.

Mas da força d'este do Fundão... é o primeiro.

Benza-o Deus!

Livros, folhetos e revistas

«O *Thalassa*».—Iniciou a sua publicação em Lisboa o semanario humoristico *O Thalassa*, de Jorge Colaço e Severim d'Azevedo.

Jorge Colaço é um artista de altissimo valor que de ha muito alcançou um nome de

tal forma brilhante, que seria ridiculo até o tentarmos-lhe o mais ligeiro reclamo. Caricaturas de Jorge Colaço são sempre um primôr de observação, de graça, de arte e de critica.

Severim d'Azevedo é um novo, mas um novo cujo talento jornalístico começado a afirmar-se no *Correio da Manhã* está hoje definitivamente consagrado como dos mais brilhantes pela sua sempre scintillante e espirotuosa collaboração no jornal de Lisboa, a *Nação*, onde no *A' Janella* e nos *Echos* o brilhante jornalista tem mostrado notabilissimas qualidades de humorista e de finissimo critico, a par d'uma firmeza de caracter e d'um desassombro que de alguma fórma nos são consoladores para a tristeza de tanta cobardia, de tanta vergonha e de tanta humilhação por parte de muitos d'aquelles, que nunca se suppria poderem capitular tão desgraçadamente.

Jorge Colaço e Severim de Azevedo com o seu semanario *O Thalassa*, não demonstram apenas que são dois homens de alto valor. Demonstram tambem que são dois corajosos homens de bem.

«A *Voz da Juventude*» é uma revista semanal, órgão da Juventude Catholica de Lisboa,

destinada á propaganda da Religião Catholica e que tem como director o sr. Zuzarte de Mendonça, jornalista de ha muito já brillantemente conhecido pelo seu valor.

No numero que acabamos de receber relata esse nosso illustre collega pormenorizadamente o que se passou com o recente assalto á sede da Juventude Catholica. Essa narração é interessantissima e por si só constitue uma formidavel propaganda, pois ninguem pode deixar de sentir uma profunda indignação contra as violencias e as brutalidades que se commetteram.

E' certo que muitas outras violencias como essa se tem commettido desde a implantação da Republica, e que nem por isso o paiz tem deixado de estar escondido por detraz das janellas, a tremer de medo, não vá succedendo a cada um o que tem succedido ao visinho.

Mas como é de esperar que o paiz acabe por comprehender que não basta pôr as barbas de molho... na submissão á carbonaria, vá o nosso illustre collega teimando, que já o outro dizia que *agua molle em pedra dura*, e o craneo do paiz é duro como pedra... dura, tanto dá até que fura.

A segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

Mettendo á serra



O tenente Satrio Pires, tendo á sua direita o ajudante Gonçalo Meirelles

Sahindo intervallados para não dar o alarme á guarda civil nem aos carabineiros, os pelotões metiam á serra, logo ao deixar as ultimas casas de S. Martin; e em mettendo á serra, as corcovas do monte e as tranças do arvoredo davam-os como perdidos para a vista. Postos a caminho com differença de quarto de hora, rompendo do mesmo ponto e dirigindo-se pelas asperças do mesmo monte a logarejos que visinhavam entre si um tiro d'espingarda, não se avistavam nem davam fé uns dos outros. Cada um d'aquelles punhados de quarenta homens, n'uma corda da serra não avultava mais que o sulco deixado por uma chuva. Mas n'um trôço da vertente por onde o grupo do tenente Satrio Pires marinava, um soldado annunciou:

—O' meu tenente! aqui adeante vão homens do pelotão do sr. tenente Menezes.

—Então elles que digam lá ao sr. tenente Menezes que espere ahí por mim —ordenou o tenente Satrio.

O soldado correu á dianteira, Victor de Menezes foi-se chegando para a reataguarda e d'ahi a pouco os dois officiaes avistavam-se, continuando juntos a marcha. Com o seu impercível bom humor, Satrio Pires travou conversa:

—Antes de mais nada, ó Victor! foi bom a gente encontrar-se para poder offerecer-te a minha casa em Mogueimes.

—Em Cados outra ás tuas ordens. Outra é um modo de falar, outras! Naturalmente posso offerecer-te todas as casas de Cados, porque eu levo commigo o meu grupo, é claro, e ainda adstricta a companhia de saude e vou-me vêr grêgo para arrumar toda esta gente em Cados que, como sabes, é uma terra de nada, cobre-se com a sombra d'um esquadrão!

—Tem uma vantagem Cados: é ficarmos visinhos.

—Ah! lá perto de Mogueimes é.

—E' pertissimo; que pertissimo ficamos nós todos. Todos a meia-hora, tres quartos de hora uns dos outros; o mais afastado dista para ahí

duas horas. Todos na provincia de Orense, e todos no «partido» de Bande. Olha: em Parada de Ventosa, fica o Mangualde com o 1.º grupo; em Valoio fica... fica...

—O Caio.

—E' isso, o Caio. O 4.º grupo...

—O' homem! o 4.º grupo é do Caio.

—O 4.º grupo...? Tem você razão, seu Victor. (E com uma continencia encorilhada de recruta): —Saiba vos'soria que me enganei.

—Mas não pares, não pares que eu não quero perder os homens de vista, nem quero que a noite me encontre aqui.

Deram de andar mais depressa, conversando sempre.

—O' Victor, deixa cá vêr se eu encarreiro a situação dos pelotões, ou se já não sou capaz de contar até nove.

—Primeiro grupo...

—Cala-te. Primeiro grupo, commandante Conde de Mangualde, Parada de Ventosa; 2.º, commandante sôr tenente Victor Alberto Ribeiro de Menezes, Cados; 3.º, commandante Julio Ornellas de Vasconcellos, Gendibe; 4.º grupo, Caio, em Valoio; 5.º, Rebello, em Moinhos de Bande; 6.º, este seu creado, tenente Eurico Satrio Pires, em Mogueimes; 7.º, Braz, em Prado; 8.º, Fiel Barbosa, em Germeade; 9.º, sargento Canavarro, em Porqueiros; e o grupo civil, commandante dr. Alexandre de Albuquerque, em Caballeiros.

—Parece que está certo,—commentou o tenente Victor de Menezes.

—Então quem tem boa memoria para a chimica? E' cá o Satrio, comtante que lhe deixem dizer a seguir os nomes dos corpos simples. Interrromper não vale.

—Por interromper: que impressão tens tu d'isto?

—Impressão da interrupção do movimento? eu... a minha impressão... (E Satrio Pires ageitou os óculos para responder): Fracamente, francamente... não é má! Nos dois combates que tivemos, os Paivantes não fizeram má figura.

—Ah! sim, isso é fóra de toda a duvida. O combate de Cazares, por exemplo, correu muitissimo bem. Nós «tinhamos os nossos homens na mão», e o Couceiro não esmigalhou a caval-laria porque não quiz.

—E Vinhaes? Elles retiraram com perdas, e nós nem uma baixa. A unica baixa que tivemos foi a mula dos medicamentos, coitadinha, que baixou do pincaro do Gerez ás profundas do abysmo. Ora dezasete dias de marcha, dois combates, afóra as escaramuças com a guarda fiscal, nós com homeas que mal se pode dizer que sejam soldados, o restricto armamento...

—E esse má.

—E esse má, e com 60 tiros, se tanto por arma, é animador o que se fez.

—Mas esta interrupção de agora? insistiu Victor de Menezes. Eu tenho a impressão de que isto recomeça d'aqui a dias.

—O maximo que esperarêmos é dez dias. Não só o dinheiro distribuido é réz-véz até ao fim do mez, como as instrucções é para não darmos licenças. Depois, o Couceiro não se quer despedir de ninguem...

—E o cuidado de acantonar os grupos todos aqui pelo partido de Bande, quando a provincia de Orense é tão grande. Se o commandante tencionasse adiar o movimento, a tactica seria justamente espalhar os homens pela provincia de Orense...

—Ou até por outras provincias...

—E a todo o tempo era tempo de mobilisar e concentrar. E' certo que os capitães Remedios da Fonseca, Martins de Lima, José Gil, etc., tiveram liberdade d'acção, levando apenas um ajudante, mas isso explica-se pela necessidade

de fraccionar a columna em grupos, e, portanto, commandos de tenentes.

—Ora, pois! (concordou Satrio. E acabou de enrolar um cigarro, considerou-o como a uma obra d'arte e considerou tambem a situação): O Couceiro espera armas, e estou certo que as obtém. Isto é, obtidas estão ellas. O que eu queria era noticias do Padre Julio, do Gerez. Viessem ellas que armas não hão-de faltar.

—Ouve lá, ó Satrio! Tu, que já vivêste em Mogueimes, deves saber: Mogueimes é o ponto mais perto, a testa de communicação com Ginzo, não é?

—E'. A estrada de Ginzo vae ter á Forja, depois atravessa um caminho de serra até Mogueimes. O' menino, pára um bocadinho para ageitar aqui este pedaço de jornal que vae a fazer de meias-solas n'esta bóta... O Couceiro em poupar munições, eu barra, mas para fazer romper calçado á gente nem que fosse socio de alguma fabrica!

Tinhm chegando á bifurcação do caminho para Cados.

—Bem, vamos a combinar: tu amanhã appareces? — quiz saber Victor de Menezes.

Cartas da epoca

—Appareço, prometteu Satrio.

—E se houver alguma noticia do quartel general, como é natural que sejas o primeiro a tê-la por estares mais proximo de Ginzo, mandas lá um homem levar-m'a?

—Está combinado.

—Não havendo noticia, então appareces tu.

—Appareço, mas de tarde porque eu, já sabes, de noite quanto quizerem de mim; agora de manhã, não: a primeira hora do dia é a uma hora da tarde. O meio-dia é o zero da escala.

—Mas não deixes de apparecer.

—Lá apparecer appareço.

Victor de Menezes tomou pelo atalho de Cados, e Satrio Pires continuou, com o 6.º grupo, para Mogueimes, sempre por trilho traiçoeiro e hostil de serra.

Gonçalo Meirelles, que fóra adeante em «Secção-de-quarteis», alojou os homens, conforme Deus quiz e foi servido, pelas lapas de Mogueimes; e o grupo dormiu o somno consolado de quem tivesse encontrado em cada buraca da pobre povoação um palacio de fadas.

Na tarde seguinte um hespanhol corrou o pueblo de Cados em demanda de D. Menezes.

—Está além, por cima da tienda!

O homensinho encaminhou-se para a dita casa, perguntou por D. Menezes, e, levado ao quarto do tenente Victor de Menezes, vindo-o na cama, perguntou inquieto e interessado:

—Está usted enfermo?!

—Não, senhor. Estou a enxugar!—respondeu seccamente o tenente. Traz noticias?

—De Don Satrio.

—Deixa cá vêr.

E com a sua sobriedade peculiar, Victor de Menezes tirou-lhe o bilhete da mão, abriu-o e leu:

«Victor.

«Aqui te apresento o creado da *hermana D. Rosa*—minha actual patrão—, unica pessoa por quem posso mandar-te novas minhas. Eu afinal não posso ir ahí hoje, porque após dezasete dias com a mesma roupa no corpo, e a mala em Lubian, tive curiosidade de a mandar lavar. Arrependi-me logo: a roupa sujou a agua, não sei se a agua limpou a roupa, e, de positivo, só isto apurei—veio esta data de chuva, e o raio da roupa não seccou. Só depois d'amanhã m'a dão. Sou, pois, forçado a «guardar o leito» por dois dias. Os meus homens, os que não estão bebados de somno, estão aleijados dos pés ou das botas. Algum que está melhorsinho, encontra-se como eu no córadoiro. Mando-te o creado da D. Rosa para te socegar e tizer que de Ginzo ainda não ha nada. Teu camarada e amigo

Satrio.»

Necesita usted algo? perguntou o emissario de Mogueimes.

—Espere. Olhe, para não se aborrecer de estar ahí sem fazer nada, chégue-me d'ahi de cima d'essa meza, esse livro do capa d'oleado. E esse lapinhos.

E na folha quadriculada que arrancou a um dos seus inseparaveis cadernos de capa d'oleado, o tenente Victor de Menezes escreveu:

«Meu carissimo Satrio.

«Vejo que estás no mesmo estado que eu: á espera que o bemaaventurado sol appareça e sé-que a unica roupinha que avezimos.

«Tinha-te mandado chamar, porque esta madrugada me appareceu aqui um creado do Magalhães, com um padre e um contrabandista, portadores d'uns fardos com armas e munições, que aqui me deixaram, e entre os quaes vem a tal metralhadóra, que calcúlo tu terás curiosidade em examinar.

«Ao mesmo tempo gostava falar contigo sobre este caso de me cahirem em cima algumas dezenas d'armas e respectivo cartuchame, e ouvir a tua opinião sobre o que resolvi.

«Ainda não recebemos ordem alguma de sahida e espero não a receber tão cedo; calcúlo que teremos tempo de conversar, claro que depois de havermos roupagens diferentes d'aquellas que cobrem a estatua do Largo do Quintella.

«Adeus—carissimo Satrio—até breve.

Cados 21—X—911.

Teu amigo

Victor.»

Joaquim Leitão.

O PRAGMATISMO

Veio-nos, do outro lado do Atlantico, uma Philosophia, que é como que a delegação do espirito pratico americano, no dominio das especulações scientificas.

Referimo-nos ao «Pragmatismo» do professor da Universidade de Harvard, William James.

«Pragmatismo» (do grego «Acção») é o nome, e o desenvolvimento, modernos, de conceitos, cujas genealogias o proprio auctor entronca n'essa Mãe illustre dos torneios da Intelligencia, — a Grecia antiga. Mas adiante, que não é d'isto que se trata.

«A verdade de uma Ideia é constituída pelas suas Obras» (The truth of an Idea is constituted by its Workings), — eis a synthese d'esse methodo philosophico.

Ou, n'outros termos, a verdade de uma Ideia verifica-se pelos seus effeitos, e não pelas suas origens. São verdadeiras as Ideias que, levadas á pratica, nos fornecem as realisações previstas.

Isto, traduzido em Politica, quer dizer que os systemas governativos se apreciam pelas consequências da sua applicação concreta, e não pelo valor, maior ou menor, das theorias abstractas d'onde dimanem.

A «Utilidade», o «Resultado satisfactorio», o «Preenchimento dos Objectivos» desejaveis, — consubstanciam a «Prova da Verdade», e, portanto, a Caracteristica do Bem, e do Certo, para uma determinada hypothese.

Ajuste-se ao Caso da Republica Portuguesa, e cada um que conclua.

*
*
*

Alimentações escassas, alojamentos abafadiços, filhos aos acasos da penuria, trabalho ao Deus dará, sem confortos no lar, sem seguranças no que está para vir, sem as luzes da cultura do espirito a abordoar-lhes a subida dos Calvarios da existencia, — tal a sorte de muitos dos nossos irmãos portuguezes.

Terrenos desertos de gente e plantações, — aguas ao abandono dos seus caprichos improduttivos, — braços que não encontram a sua obra, — materia prima que espera por braços, — industrias pallidas d'anemia, — navegadores a ver navios alheios, no alto de Santa Catharina, — tal o aspecto que nos offerecem, aquem e além mar, as forjas enferrujadas da riqueza lusitana, — gementes nas engrenagens, á falta d'azeite que baste, presas nas manivelas, á mingua de impulso que valha.

A verdadeira «casa onde não ha pão». Sem appellar para as lampadas electricas da leitura pragmatica, nem para os bicos d'incandescencia dos nossos escriptores economicos, até o proprio Calino, com a sua antiga lamparina dos tres bicos, mesmo apagada, haveria de exclamar, se porventura o consultassem acerca do problema portuguez, que sem comer não se vive, e que quem o não tem, ou trata de arranjar-o com brevidade, ou baixa á sepultura.

A republica, todavia, entendeu o contrario.

*
*
*

Transcreve Oliveira Martins, n'um dos seus livros d'istoria, o seguinte officio da camara da Ribaldeira:

«Não somos doutrinarios, nem aristocratas; muito presamos Montesquieu, mas não é só elle que forma a nossa propria bibliotheca; desde Hobbes até Rousseau, desde Machiavel até Batham (suppõe-se que é um segundo appellido de Bentham) alguns outros temos lido; em nossas aldeias tambem consultamos a historia dos Washintons, dos Triumvirs (!) dos Neros, etc., etc.»

Os mais vernaculos textos da bibliotheca politico-social, já na longinqua

data de 1830 e tantos, eram assim manuseados pelo nosso liberalismo municipal da Ribaldeira.

Parta-se, portanto, da Ribaldeira de 1830 e tantos, e das culminancias já notaveis da sua litteratura avançada, e faça-se por ahí uma pequena ideia do que poderá conter-se dentro do cerebro luminoso da actual democracia lisboeta.

E feita essa pequena ideia, logo apparecerá, logicamente definida, a razão d'elles, — os pastores da republica portugueza, — comprehenderem cousas, que nós — os do obscurantismo, — somos incapazes d'attingir:

Moral sem sanções religiosas; progresso sem dependencia d'ordem; trabalho sem ambientes de paz; governo sem principio d'auctoridade; força sem necessidade de disciplina; guerra á Igreja como alicerce primario d'equilibrio social; fomento economico, gerencia financeira, credito publico, como funcções minimas de governo, n'um paiz de miseria, e com mais de 40 % das suas receitas empenhadas em pagamentos de juros de divida.

Que alcance o d'elles!

Que atrazo o nosso!

O peor é o Pragmatismo...

A menos que isto tudo não passe de acinte nosso contra o regimen republicano. Acinte em prosa triste, no genero d'aquelles que, em verso altisonante de Victor Hugo, diziam, do gigante Monte Branco, os seus vizinhos de mais modesta estatura:

Il est plus haut, plus pur, plus grand, que nous ne sommes,
Et nous l'insulterions, si nous étions des hommes!

Sim. Talvez seja inveja, que é fraqueza do peito humano. Ou bilis d'exilado. Emfim os leitores julgarão.

Henrique de Paiva Couceiro.

Chronica militar

Paris, 18 de Março de 1913.

Pouco edificante e até de molde a irritar os nervos d'aquelles proprios que não nasceram francezes, é o espectáculo que o Parlamento da Republica está dando na hora presente.

Ou seja motivado pela recente lei militar allemã ou por quaesquer outros motivos cuidadosamente occultos nas coulisses da intrincada politica internacional contemporanea, o que é facto é que o ministerio Briand, ou antes o actual titular da pasta da guerra, Mr. Etienne, entendeu seguir a corrente geral da opinião franceza e a voz de technicos abalisados e propôr ao Parlamento a revogação da *Iniciativa Berteaux*, de 1905, que reduzira o serviço activo *sous les drapeaux* a dois magros annos, e voltar á lei de recrutamento anterior, embora com varias modificações.

Ouvindo o Conselho Superior de Guerra—composto dos generaes Joffre, Castelnau, Pau, Gallieni e outros—este manifesta-se *nemine discrepantur* — pelos tres annos de serviço. Todas as propostas intermedias — 27, 30 mezes, *renagements* — são consideradas, como palliativos, destinados a nada melhorar a situação, dada como critica pelo general Maitrat no seu magistral trabalho sobre as fronteiras de Leste e de Norte e por todas as sumidades militares da França — entre ellas Tréméau e Lacroix, antigos generalissimos.

Já em 1905, como tivemos occasião de apontar n'uma nossa passada *Chronica*, o generalissimo Hagron, se demittia do seu elevado cargo, por não querer em taes circumstancias, isto é, com a alludida redução do tempo de serviço, assumir as responsabilidades do

commando supremo. As suas cartas, a bem dizer *historicas*, são bem conhecidas, pois ainda ha poucos dias o *Echo de Paris* as trouxe á luz de publicidade, por intermedio do general Kessler, se não estou em erro.

Ora, sendo prospero, como é, o estado das finanças francezas e podendo ellas arcar com o augmento de despeza proveniente d'este acrescimo de effectivos e mais medidas militares propostas — parece que o primeiro dever d'um Parlamento sinceramente patriota, esclarecido e *Nacional*, seria pôr em execução taes medidas, no mais curto espaço de tempo.

Não é isso, infelizmente para a França, o que se está vendo.

As manobras da commissão parlamentar do exercito são indecorosas e cheiram a *mandarinice*.

Jaurés e Angagneur — radicaes e socialistas — queimam cartuchos sobre cartuchos, recorrem a todas as *ruses* para demorar a discussão, para a fazer prolongar... para atirar com a nova lei para o cesto dos papeis velhos.

E ainda falta vêr o que fará o Parlamento, quando ella se discentir. Conhecido é de todos o abominavel *charivari* com que as esquerdas acompanharam a leitura do projecto.

O presidente, Deschanel, chegou, indignado, a pronunciar estas palavras *stygmatizadoras*:

— «Deixae-os na sua obra; a França que os veja!»

Isto é, acima dos grandes, dos sagrados interesses de Patria; o Parlamento põe os seus interesses mesquinhos de partido, de facção e de seita.

Simplemente vergonhoso!

E tanto mais vergonhoso, quanto é certo que se trata do Parlamento de uma nação de primeira grandeza, d'uma grande potencia, ao qual incumbe olhar os grandes problemas que implicam com a defeza da Patria, com aquella largueza de vistas que, francamente não se pôde exigir do de outras nações de menor peso na balança mundial.

Mas em toda a parte ha *más fadas*, em toda a parte olhos, que se negam a vêr a luz, por muito forte que ella seja.

Que importa lá o territorio nacional invadido, reduzido, fragmentado pela absorção das suas provincias?

Se acima de tudo estão os miseraveis interesses de seita?

«Antes o estrangeiro que a monarchia» — dizem os nossos republicanos *iberistas*.

«Antes a perda da Patria que a perda da nossa influencia eleitoral» — acrescentam aqui os seus apaniguados d'aquem Pyrenéos...

Maus indicios, sem duvida, para o futuro do regimen, que pôde vir a pagar a falta, de que não é totalmente culpado.

«São nações em decadencia aquellas, que não tem a coragem e o civismo sufficientes para arcar com todos os sacrificios precisos para a sua defeza e independencia!» — já o lêmos algures.

Bem sabemos que a França não está perfeitamente n'estes casos. Todavia não deixa de impressionar sigularmente o estrangeiro, espectador imparcial de tudo o que vae vendo, o contraste, entre o *jogo de regateira*, que aqui se desenrola e o trabalho sereno, dirigido a *objectivo certo e determinado* que *au delà des Vosges*, se vem executando, sem um desfallecimento, com um espirito de ordem e de methodo, que encanta e causa admiração.

Que differença de processos!

Mas, na Allemanha, ha a *vontade* de *Um a mandar*, para bem geral. Aqui esse sentimento supremo de auctoridade, acha-se diluido e fragmentado de tal modo, que... é o que se está vendo...

Se de ha muito não tivéssemos um juizo bem formado sobre o que é o Parlamentarismo — maldição de Deus, que

cahiu sobre a raça latina em especial — o espectáculo d'hoje em dia, aqui no Coração e no Cerebro do Mundo, serviria para nos *raspar* as ultimas illusões...

Em tempos, a *Revista Militar*, publicou uma serie de artigos realmente bem feitos e devidos á penna do general Moraes Sarmento (então ajudante de campo de El-Rei e hoje desempenhando cargos de confiança da republica). Esses artigos versavam sobre o pouco rendimento de trabalhos dos *Organismos collectivos* na preparação da guerra.

Apoiavam-se em trabalhos de Gustavo Le Bon e tinham como objectivo o Antigo Supremo Conselho da Defeza Nacional, da iniciativa Vasconcellos Porto, com a criação do qual o general Moraes Sarmento não concordava.

Este *Organismo colectivo*, que se chama o parlamento francez, está justificando na generalidade o que, no caso restricto e especial de que tratava, dizia o antigo ajudante de campo de El-Rei e Ministro d'Estado da Monarchia.

«Muita parra e pouca uva» — diz um conhecido proloquio popular da nossa Terra.

E é o caso: Gasta-se a discutir o tempo, que seria de bom e são juizo, dispender a trabalhar com utilidade e praticamente...

Depois ha scenas d'um comico inexecedível, como, por exemplo, aquella ou aquellas de Jaurés, mettido a discutir problemas de alta estrategia. Insensivelmente vem-nos á mente aquellas palavras inolvidaveis do Fradique Mendes, do Eça, na carta a Madame de Jouarre.

«Tudo tende á ruina n'um paiz de ruinas. O architecto que o construiu é deputado e escreve no *Jornal da Tarde*, estudos melancolicos sobre Finanças!

O meu procurador em Cintra aconselha agora, para reedificar o Kiosque, um estimavel rapaz de boa familia, que entende de construcções e que é empregado na Procuradoria Geral da Corôa! Talvez, se eu necessitasse um juriscoconsulto me propozessem um trocha.»

Ninguem concluirá certamente d'esta minha transcripção, que eu pretenda ser a França — *um paiz de ruinas*...

Evidentemente longe de mim tal ideia!

O que eu pretendo é accentuar o ridiculo do *paizana* (vá lá o termo de soldado...) Jaurés a propôr modificações na organização defensiva da França, a querer ministrar-lhe á *força* os seus *exercitos de milicias, á suissa*. Ideia estrambotica que, de resto, germinou nos *jovens cerebros* dos *Wolfskeshins* das margens do Tejo crystalino...

Ao menos, Vaillant é mais coherente e gasta menos palavras, quando na sessão de 12 de março, apresenta no Palais Bourbon, a seguinte moção, *épica* no seu laconismo:

«O exercito permanente é supprimido e organizado o armamento geral do povo.»

...Palavra d'honra que não sabemos como todos os lados da Camara, de pé e em *alta grita* não a approvaram por *aclamação*...

Mas *au delà des Vosges*, não se pensa assim, de animo leve sobre os destinos da Nação!

Os proprios *socialistas* são patriotas! A França deve ter sempre bem presentes aquelles annos que foram de 1867 a Sédan e a Metz!

Os seus *pacifistas*, com Jules Simon á frente, e os seus parlamentares, votando mas adulterando a Lei Niel, conduziram-na á perda de dois bocados de Carne de sua Carne...

Se a França de 1913 não se emenda — sabe lá Deus que tristes futuros lhe estarão reservados? Não serão os *pacifistas* que correrão a salva-la! A não ser como na celebre scena comica:

«Corro a salvar-te! Corro a salvar-te! E a velha a arder...»

Os sapateiros que façam sapatos. Toque rabeção quem deve saber tocar rabeção!

Bem basta o tempo perdido, em caso de guerra, a discutir, a chineza, se as

hostilidades se devem romper...

Bem basta porque... «a primeira é sempre de quem dá» —segundo o velho preceito dos varredores de feira...

Saturio Pires.

A obra de Resurgimento

Entrevista com Eduardo Lupi

Para salvar Portugal.
Pequena experiencia.
Um grande exemplo.

—Perdido, Portugal está irremediavelmente perdido! exclamava alguém n'aquella sala triste como todas as salas onde dois portugueses se encontram e se falam no habito instinctivo de prantear a Patria.

—Seriam precisas grandes irrigações d'ouro, uma capacidade sobrenatural para administrar essa cornucopia de metal! aventava outro, no habito fatal de estender os braços para os Messias.

—Que lhe pareça, Lupi, o senhor que já administrou, que já governou, diga: ha remedio para o lastimavel estado financeiro portuguez?

—Eu administrei um pequeno barco, a Zambezia Portugueza.

—Tanto melhor para nos poder dar a sua opinião sobre a doença d'um paiz pequeno. Encontrou prosperidade, desafogo?

—Ao contrario: encontrei dividas.

—E' a vida portugueza: não se vive do credito, vive-se da divida em Portugal—os individuos e a nação. A receita tem duas verbas: oitocentos mil reis d'ordenado e quatrocentos mil reis de dividas! resmungou um patriota.

—Ora o sr. Eduardo Lupi vae-nos contar a sua administração como governador da Zambezia Portugueza. Lançou empréstimos?

Os Processos adoptados

—Deus me livre! respondeu Eduardo Lupi.

—Lançou novos impostos?

—Não, senhor.

—Vendeu colonias?

—Sou portuguez! repeliu sècamente E. Lupi.

—Ora, então, faça favor de contar, como transformou as dividas em creditos, milagre muito maior do que transformar as rosas em pão.

—Quando tomei conta do districto, (condescendeu Eduardo Lupi em historiar) encontrei-o fortemente individado e com os cofres vazio de todo. No decurso dos primeiros dezoito mezes de administração acabei de pagar todas as dividas e, ao completar o meu segundo anno de governo, tinha em caixa um saldo de 59 contos. As receitas não augmentaram...

—Eu cá não sei fazer d'esses milagres! commentou azêdo um dos presentes que como todos os portuguezes tem um plano infallivel, seu, para a contra-revolução, e um plano financeiro, seu, o «único exequível».

—Deixe ouvir! pedimos nós.

O outro encolheu os hombros e o azedume, e chupou a boquilha com pipo de metal, tão incrédulo como um habitante da terra ao ouvir falar ha vinte annos de navegação aerea, ou como um habitante de Lisboa ao ouvir falar de aeroplanos depois de ter visto encaixotar os dois que foram parar ás arrecadações do Arsenal.

Eduardo Lupi continuou serenamente:

—Não tendo as receitas augmentado porque, pelo contrario, continuaram a decrescer, devo este modesto successo ás reduções de despesa que consegui fazer. Na ultima gerencia completa, anterior á minha posse do governo (1905-1906) a receita fôra de 359 contos e a despesa de 402: deficit, 43 contos. As mais recentes contas da minha administração (1908-09) mostram 342 contos de receita e 317 de despesa: saldo favoravel, 25 contos; redução das despesas em tres annos de gerencia 85 contos ou 21 %.

Como primeira medida, ao tomar posse do governo, mandei pagar quantas dividas pude sem ser saldadas com a primeira renda dos Prazos que me entrou em cofre—não podendo ganhar outra coisa, restabelecia o credito do districto.

—Bonita obra! ficar sem cinco reis em caixa! tornou o outro a resmungar.

—Assim desprevenido, para uma doença! exclamou alguém bem humorado.

Eduardo Lupi replicou, prompto.

—Meus caros senhores! A situação de não ter dinheiro em cofre tem um effeito certo e valioso, qual o de evitar que nos peçam coisas: bem estou sentindo ainda, na situação

oposta, quanto era difficil defender-me do cerco em que me apertaram necessidades reais ou suppostas mas todas tornadas urgentes desde que consta haver saldo. Espertei com a penuria enquanto me foi possível, pagando primeiro as contas que andavam na praça, restituindo depois ao cofre dos depositos os levantamentos feitos, sempre com o proposito de evitar que as receitas cobradas se fossem escoando pelas veremadelas das requisições apresentadas pelos serviços não reproductivos. Entretanto ia reduzindo as despesas, não sómente recusando auctorisação para muita coisa dispensavel, como também supprimindo serviços e despedindo pessoal.

Vi, ao chegar lá, que não estava em execução um unico melhoramento reproductivo; concluí, de um pequeno calculo, que a população local estava pagando quanto podia e mais que devia; verifiquei, pelas contas da Fazenda, que a receita estava sendo inferior á despesa; e constatei pelo primeiro balanço a que assisti que, além de se dever bastante e de não haver um real de disponibilidades, já se tinha entrado largamente por fundos alheios—os depositos classificados diversos em tecnologia fazendaria. Era evidente a necessidade de reduzir o panno á barcaça do Estado para nos livrar do escolho sobre o qual nos arrastava aquella má bordada.

—Vá eu dizer isso lá em casa á minha mulher que tenho que ouvir! exclamou uma victima dos saldos dos armazens de modas.

—Um cirurgião não se commove com os queixumes do operado! retorquiu outro.

Eduardo Lupi deixou passar os apartes e retomou a palavra, vendo-nos a nós especialmente interessados:

—Não julgo possível augmentarem-se em numero ou aggravarem-se em encargos os impostos que actualmente peçam sobre a comunidade. Em synthetica concepção do problema tributario ha que considerar, sob o seu aspecto economico, sempre o mais importante, a necessidade de facilitar o apuramento de lucros a quem trabalha, de deixar ficar dinheiro nas algibeiras do que produz, para que esse dinheiro fructifique e assim amplie a riqueza publica em expontaneo emprehendimento e em constante giro.

Se as receitas não chegarem para as despesas corte-se por muita excrecencia que realmente existe, reduza-se o excessivo funcionalismo, proporcione-se a dotação de cada serviço ao seu rendimento utilitario, seja-se surdo aos clamores que vibram de todos os rumos do quadrante burocratico por melhoramentos, extensões, aperfeiçoamentos dos ramos da administração, sem duvida bem lembrados, até certo ponto vantajosos, relativamente necessários, mas que podem ser adiados para épocas mais desafogadas e que portanto devem ser inexoravelmente recusados enquanto ellas não surgirem.

—Se eu, para poupar, deixasse de semear, havia de ter muito que colher! philosophou um agricultor nacional.

—Bem sei! replicou E. Lupi. E' pouco popular, apodada de mesquinha, uma tal politica, essencialmente constructiva a despeito da sua salientada apparencia de negação, mas é a unica que convem á formação de um paiz novo—ou á salvação de um paiz velho. De resto, o senhor não pôde deixar de semear as suas terras, mas pôde adiar a sua installação electrica, os seus projectos de fôr forrar de novo o seu escriptorio particular, adiar o que pôde esperar. Eu também não deixei de semear no districto do meu governo: não houve paralysação de trabalhos uteis. Deixei concluida a occupação do districto, com successo, tendo sido inteiramente liquidadas no meu primeiro anno de governo as duas questões pendentes: a da supremacia no valle do rio M'lela posta em cheque pelos desastres do começo de 1907 e a da conquista, é o termo justo, dos extensos territorios, mais de 25.000 kilometros quadrados, que o decreto de 25 d'abril d'esse anno aggregou a Quelimane. Além dos vencimentos do pessoal despendiam-se apenas 4:500\$000 reis em vez dos 400 contos que a execução das propostas do meu predecessor exigiria. Fez-se o completo estudo e projecto do caminho de ferro

do Lomne no que se despenderam apenas 4 contos de reis. Abriram-se 1:078 kilometros de estradas carreteiras. Montaram-se 189 kilometros de novas linhas telegraphicas. Reconstruíram-se e puzeram-se a navegar tres boas lanchas a vapor. Elevou-se a dotação do serviço de Obras Publicas de 12 a 25 contos de reis. Propuzeram-se simples e viaveis remodelações administrativas cuja adopção resultaria em uma redução de 120 contos nas despesas, apesar de estas haverem já baixado a 317 contos, e uma elevação de receita, garantida minima, de 25 contos annuaes.

Quando Eduardo Lupi acabou de dizer estas palavras, o microrama nacional que o ouvia pareceu impressionado. E, de cada cadeira *maple* sahiu um adepto, ansioso de discutir, com o distincto e leal official da Armada Real Portugueza, o «seu» plano financeiro.

Mas Londres apaga inexoravelmente as luzes á meia noite. A luz electrica já se apagara o minuto da praxe, um quarto de hora antes das doze, em leal aviso, e cada um correu para os agasalhos, marcando para a noite seguinte novo encontro e nova discussão.

O portuguez é assim: nasceu para a opposição. Discutir para elle é o que a vida tem de melhor.

Joaquim Leitão.

Moral politica

Democracia, como systema de governo que pretende conferir todos os poderes da elaboração das leis e de effectivo governo da nação á maioria, é uma fallacia e um mytho dos ignorantes, é uma ficção grosseira dos ambiciosos que, desejosos do poder e da notoriedade, do maximo do poder sobretudo, procuram obter uma e outro agitando as massas do numero, esperançados em sobrelevar-se na testa da vaga. O absurdo, demonstrado, dos seus principios, de todos em conjuncto e de cada um em particular, faz com que face a face com a realidade das cousas um governo rotulado de democratico se não differença de qualquer outro senão em ser incomparavelmente peor—derivando-lhe a ruindade do vicio da mentira original sobre que foi erguido.

Como se mostrou n'esta serie de artigos, um governo democratico nunca poderá ser o que pretende ser: o governo da maioria em beneficio d'essa mesma maioria. E não o será porque, á uma, essa maioria deverá, por definição, ser o aggregado de todas as incapacidades politicas, a negação de todos os dotes excepcionaes que a governação de um paiz reclama; á outra, porque a tal maioria democratica, exceptuados alguns berros de negação, nunca poderá ter unanimidade de pensar e de sentir. A ideia democratica é, pois, inteiramente falsa. Amanhã, como hontem e como hoje, o governo, isto é, a elaboração e a administração das leis, será portença e função de oligarchias: as oligarchias politicas.

E sempre assim acontecerá enquanto a humanidade subsistir como a conhecemos e como infelizmente se quizerem, sómente podemos concebê-la.

Se com as linhas que acabamos de traçar conseguirmos o nosso proposito de demonstração, se a força e a verdade da convicção conseguiram sobrenadar ás insufficiencias prosodicas de quem nunca fez profissão d'escriptor e só vem hoje a publico movido por um sentimento de dever, poderá dar-se o caso de haver quem na nossa terra de fatalistas pense que, embora as cousas sejam realmente como ficaram apontadas, não valha a pena nem seja conveniente aos interesses do paiz fazer-se qualquer esforço por alterá-las.

«Se — dirão — os republicanos nos mentiram ao prometterem-nos a democracia, paciencia: a experiencia está feita e servirá, enquanto d'ella conservarmos recordação, para não voltarmos a praticar actos revolucionarios causadores de desgraças cuja

reparação, mesmo no que é possível, é morosa e cara.

«Os governantes actuaes constituirão, tanto como os da monarchia, uma oligarchia politica. Seja; conformemo-nos com elles e creemos em torno das suas pessoas uma intensa corrente de opinião publica que os compilla a abandonarem essas questões de mero doutrinismo politico cuja inandade ficou demonstrada para se dedicarem aos problemas de verdadeiro interesse economico e social. Porque, afinal de contas, se estes homens da republica não são precisamente um a um os mesmos da monarchia, em todo o caso proveem pouco mais ou menos do mesmo meio, teem habilitações legais identicas e surgiram também da tal minoria dos mais habéis, como o prova o facto de haverem conquistado o poder derrubando aquelles que o detinham. Tendo de abandonar o nosso sonho democratico e de aturar a dictadura administrativa de uma classe de politicos, tanto nos faz supportar uns como os outros. E quanto aos credos oppostos que as duas facções rivaes advogam, visto que o monarchico já para nós não tem a seducção da novidade e que o democratico se nos revela fallaz, o melhor é não nos preocuparmos mais com taes abstracções. Desilludidos de promessas mirabolantes não queremos mais experiencias: se algum desejo temos agora, esse será o de conservar o que está, mediocre como é, porque a recente provação acaba de nos patentejar quantas ruinas causa uma mudança violenta.»

Este raciocinio, que não podemos perfiar, mas que nos esforçamos em reproduzir com toda a boa fé, até ao ponto de n'elle transcrevermos argumentos que teem sido oppostos á nossa intransigencia por pessoas queridas pelas quaes temos a maior deferencia, não pôde colher por uma simples razão: porque não toma em linha de conta um factor sobre todos importante, verdadeiramente primacial, na vida dos povos: a moral politica.

Com esta maneira de dizer não temos tão sómente em vista aquelle aspecto restricto da moralidade da acção administrativa cujo limite inferior é definido pela letra do codigo penal. Encaramos a larga questão da moral do Estado na complexa acção e reacção que dia a dia se exerce entre este e os individuos. Que essa base moral existe, é ponto incontroverso. Seja elle considerado como fôr, o Estado é, em ultima analyse, o summatorio de todos os seres que compõem a nação. Tão arreigada em nós anda esta noção da sua essencia que, para melhor a concretisarmos, aos nossos proprios olhos como aos de toda a gente, nacionaes e estrangeiros, de variadas maneiras porfiamos até em personificá-lo. Não dispensamos um homem como seu chefe. Se derrubamos um Rei apressamo-nos em elager um presidente. E, mais curioso ainda, teimamos em empregar sempre, como symbolos das instituições, objectos de uso humano; se despedaçamos uma corôa, corremos logo a talhar um barrete phrygio: como a dizer que se nos não serve um regimen sem cabeça, tão pouco o queremos mesmo descarapuçado.

De tudo isto resulta que, quando esses seres que collectivamente compõem a nação, um a um criticam e julgam a acção politica que o Estado exerce, fazem-n'o applicando o seu criterio de moralidade pessoal o que necessariamente importa para o Estado a obrigação de se conformar a tal criterio. E assim é que se comprehende como com quanta verdade se diz, que fóra do regime da moral não ha bem estar possível para nenhum povo. Um estado de cousas que vá de encontro ás consciencias é intoleravel e não consegue perdurar. Pôde uma fracção da população, a escumalha d'esta, regosijar-se

com elle e querer mantel-o, se a sua depravação der largas aos eternos instinctos brutos da humanidade, que isso não impede, antes na realidade promove, o resentimento dos restantes individuos e intensifica o desejo de lhe pôr termo.

A estreita interdependencia dos individuos para com o Estado, a complexidade das acções e reacções que entre ambos se produzem, á medida que vão sendo mais bem conhecidas, teem crescentemente exaltado a importancia da moral politica, guindando-a na actualidade a um grau muito superior áquelle que usualmente é attribuido a esta questão espiritual em demasia atirada para um plano secundario pelos espiritos pouco dados á reflexão.

Faz bo politica e terá bons negocios, é o dictado vulgar com que a experiencia accumulada de milhares de gerações expressa a necessidade essencial da sujeição do Estado a uma solida moral politica. A inversa ainda se torna mais frizante. Da má politica resultam, a breve trecho, pessimos negocios: bem o sabem todos os estudantes de historia social, bastos exemplos estamos todos nós observando pelo mundo inteiro.

Ora uma politica iniciada sobre a promessa de um absurdo tão grosseiro como é o da democracia em acção e que, mesmo depois de patenteadas as mais frizantes provas da sua essencial falsidade, seja mantida pela descarada violencia, simplesmente porque a facção que por fraude se apoderou do poder n'elle se quer conservar, é, incontestavelmente, uma politica immoral e portanto uma politica má cujos resultados terão, necessariamente, de ser nocivos. Não haja sobre isto illusões.

Eduardo Lupi.

PERFUMARIA BALSEMÃO

Rua dos Retrozeiros, 141

TELEPHONE, 2-777

LISBOA

15 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

LULU ANTI-CLERICAL

Com as amendoas começava para mim um novo periodo de tormentos.

A Chica, muito religiosa sempre, mas muito mais ainda depois da lei de Separação que ella lá no fundo não percebia bem o que fosse, e que se fosse o que ella imaginava e dizia, nada seria do que é, e até seria talvez muito menos disparatada, violenta e irritante do que a fez o sr. Affonso Costa,—a Chica, dizia eu, logo que nas confeitarias appareciam as primeiras amendoas denunciando a aproximação da Semana Santa, agarrava-se á Nação e todas as manhãs estudava largamente a secção religiosa para dividir, de entre aquellas em que havia cerimonia solemne ou sermão, a igreja a que iria n'essa tarde.

Eu, pelo meu lado, embora fosse pouco dado á leitura de jornaes, tambem todas as manhãs, chegada essa epoca, lia o órgão jornalístico do partido do sr. D. Miguel, para palpitar qual seria a igreja a que me levaria n'essa tarde o meu amor pela Chica.

Não sei lá como o diacho da rapariga arranjava as cousas, que a igreja que ella escolhia era sempre aquella que mais longe ficava do sitio onde eu tivesse de ir n'essa tarde, e assim era já sabido que eu tinha de gastar os cinco tostões d'uma corrida n'um batedor ou que apanhar uma estafa, para estar a horas, antes que a Chica chegasse, á porta da igreja que ella n'essa manhã destinára ás suas devoções.

Quasi sempre eu chegava antes da cerimonia ter começado e a Chica pouco antes de ella terminar.

SEMANA MUNDANA

Familia Real

Suas Magestades El-Rei D. Manuel e a Rainha Senhora D. Amelia, a convite de lady e lord Conventry e acompanhadas pelos snrs. Marquez de Soveral e Conde de Figueiró, passaram alguns dias da primeira quinzena de Março, em Croone-Court, no Condado de Worcesterhire. Suas Magestades assistiram ás corridas de cavallos em Cheltenham. N'esta cidade, á passagem de Suas Magestades, o Lord-Mayor dirigiu-lhes uma allocução de cumprimentos.

Entre os convidados de lord e de lady Conventry, estavam lady Dubley, sua filha e seu filho, duqueza de Beaufort, lady B. Smith, lord Rosebery, lord Ribblesdale, lord Londanderry, general Maxwell, lord Septon, etc., etc.

No seu palacio de Great-Cumberland Place, em Londres, offereceram lady e lord Carlos Beresford um jantar a Sua Magestade El-Rei D. Manuel, no dia 19 de Março. Ao jantar assistiram a princeza Lichnowsk, os embaixadores da França, da Austria e da Italia, marquez de Soveral, duqueza de Rutland, duqueza de Beaufort, lady Diana Manners, Earl Howe, condessa de Essere, condessa de Minto, lord Farquhar, lady Stamfordham, lord Alexandre Thynne, lady Alington, Evan Charteris, Arthur Stanley, Luiz Mallet, W. Tyrrell, Iahn Malcolm, Edward Gosse, Perey Granger, C. Hunter, etc., etc.

Depois de jantar houve uma reunião intima, no decorrer da qual o grande artista executou varios trechos selectos da *Elettra* e *Rosen Kavalier*.

Além dos convidados ao jantar assistiram a essa reunião, entre outras pessoas, o embaixador da Allemanha, duque de Manchester, lady Helena Vincent, lady Cynthia Graham, madame Peto, lady Tree, etc., etc.

Os nomes

Dize-me como te chamas e dir-te-hei quem tu és... parece assim á primeira vista uma das pittorescas sahidas do amigo Banana.

Pois não é, porque não é o que imaginam. Trata-se muito simplesmente de dizer, sabido o primeiro nome de uma pessoa, quaes são as suas qualidades e os seus defeitos dominantes e para que o possamos conhecer, vamos habilitar os nossos leitores, e sobretudo as nossas leitoras, pois é em geral ás senhoras que mais agrada este genero de conhecimentos.

Começaremos pelo nome de *Helena*, porque... porque por algum nome havíamos de começar.

Helena

Ora, com perdão das Helenas que só tenham as qualidades que vamos apontar sem que tenham os defeitos que temos de enumerar, ha no nome de Helena uns certos effeitos... atavicos. A primeira Helena grega, a que fez toda aquella tralhada da guerra de Troia, transmittiu a todas as que usam esse nome um tanto ou quanto da

E então era de me vêr passeando de um lado para o outro, em frente da igreja, á espera... á espera que a Chica chegasse; mirado e remirado pelos velhos que entravam e sahiam, e que vagamente suspeitavam que, nos tempos democraticos que vão correndo, não podia ser por bem que alli estivesse, passeando d'um lado para o outro, de mãos atrás das costas, um sujeito que pouco antes se apeara precipitadamente d'um trem chegado á desfilada ou que mal pudéra subir os degraus da igreja, esbaforido pela corrida em que viéra da paragem do electrico mais proxima.

Uma vez que eu pelo caminho comprára um cartucho de amendoas para a Chica, uma velha mendiga que estava á porta da igreja, depois de me ter visto passear durante meia hora, de embrulho na mão, levantou-se surrateira e pouco depois voltou com um policia que se poz a observar-me de longe, e de longe me estava observando, desconfiado de mim e do embrulho, quando a Chica appareceu finalmente, no momento preciso em que eu começava comendo as amendoas para mostrar ao policia que não eram bombas.

A Chica até então nunca levava consigo o Lulu. Deixava-o em casa entregue á creada, a quem fazia tantas recommendações e ordenava tantos cuidados com o animal, ao mesmo tempo que a tia fazia recommendações não menos numerosas e ordenava cuidados não menos meticulosos com o menino Cazuzu quando voltasse do Lyceu, que fiquei sempre com uma grande admiração por aquella serva intelligente, que nunca se enganou pondo por exemplo, ao Cazuzu, para o levar á rua, a coleira e o açamo, como a Chica recommendava para o cão, e enfiando ao Lulu as calças azues do Cazuzu, como a tia recommendava sempre para quando o sobrinho fosse brincar para o quintal.

Ora precisamente n'esse dia do embrulho das amendoas e do policia da velha, ou da velha do policia, a creada tivera que sahir e a Chica, que por nada deixaria em casa o Lulu e o Cazuzu sósinhos, porque eram dois animaes que se não entendiam um com o outro, resolvera levar o cão consigo, fiada em que eu, com a minha intelligencia, descobriria meio do Lulu ficar em sitio seguro cá fóra emquanto durasse a cerimonia.

sua belleza fina e regular, mas tambem uma certa leviandade inconsciente. As Helenas effectivamente são fracas perante as suas paixões e teem um senso moral bastante vago. Comtudo a quem as vir parecem ter um espirito ponderado tão calmas são e tão pacato parece o seu raciocinio. Mas na realidade o seu espirito tem por vezes ideias extravagantes, originaes, resultantes d'uma imaginação sonhadora e imprecisa. Teem aptidões variadas, mais para cousas intellectuaes de que para cousas positivas, e ha n'ellas um pouco de tudo: gostos delicados, um vago idealismo poetico, um certos sensualismo mais ou menos delicado.

São sensiveis, boas e caridosas, mas não muito pouco espontaneas e não são dadas a expandirse; commovem-se pouco e sabem manter-se serenas como se nada as interessasse particularmente. Comquanto não sejam muito vivas, nem arbatadas, nem sempre teem um caracter facil... de aturar; são muito susceptiveis, muito obstinadas, e com qualquer cousa se melindram. Teem maneiras doces, amaveis, graciosas; um porte activo e distincto, um tanto reservado, com o seu quê de indifferença. Sabem occultar admiravelmente as suas impressões e os seus pensamentos.

Não são nem timidas, nem audaciosas ou provocantes, nem exuberantes, nem mesmo muito alegres. A sua franqueza é variavel e soffre a natural influencia da sua fraca enérgia e do seu senso moral indeterminado. Teem a noção do bem e do mal sem que comtudo possam sempre orientar-se mais n'um sentido de que n'outro.

Dotadas d'um temperamento nevropatha, sensual e voluptuoso, sem serem apaixonadas, as Helenas procuram e desejam o que não podem ter, nem sempre sabem o que querem, e comtudo sentem uma grande ancia de afeição, de attensões e de homenagens.

Gostam de distracções, de prazeres de toda a especie, de todas as satisfações positivas da existencia. São bastante caprichosas. Teem uma vontade fraca, desigual, obstinação nas ideias, mas não procuram impol-as. A sua enérgia é constantemente variavel, como o seu ardor e a sua actividade.

Como veem o feitiço das Helenas é sympathico, sim, mas indefinivel e nem sempre bem equilibrado. Póde resumir-se n'estas palavras: *coração agitado, vontade apathica, imaginação em busca do ideal e sentidos orientados para as satisfações materiaes.*

Se quiserem ainda podemos resumir mais e dizer: *as Helenas, em geral, são boas raparigas... mas teem telha.*

O vestido

Como queria o vestido novo para o fim da semana, a Emilinha disse á costureira:

—Preciso do vestido para terça-feira. Tenho um jantar de cerimonia n'esse dia. Não lhe quero mentir dizendo que preciso do vestido no domingo ou na segunda-feira. Não... Confio em si e digo-lhe com verdade que só preciso d'elle

Eu, mal a vi com o animal, senti um baque no coração... D'alli vinha tolice grossa ou maçada. E acertei, porque a Chica, logo que deparou commigo e antes mesmo de me agradecer as amendoas, estendeu-me a correia a que trazia preso o cão, e disse-me com aquelle tom terminante que ella tomava sempre que me impingia alguma estopada:

—Toma conta do Lulu emquanto eu vou com a tia á igreja.

E, inutil é dizel-o, nem esperou a minha resposta.

Para alli fiquei, solitario e triste, agarrando mollemente a correia que prendia o Lulu, emquanto lá dentro a Chica, ao lado da tia, ajoelhada, n'aquelle recolhimento em que tanto me enternecia vel-a, rezava as suas orações e escutava o sermão.

Assim estive um bom quarto de hora, durante o qual o Lulu se portou, devo dizel-o, com uma perfeita correcção. Mas a imagem da Chica, lá dentro, airosa e gentil, começou de se vincar no meu espirito, e eu, na ancia de a ver, de a contemplar, não resisti... Chamei um gallego, prometti-lhe um tostão, para que me tomasse conta do Lulu, recommendei-lhe cuidado com o animal, e entrei no templo.

A Chica lá estava adeante, com aquelle arzinho grave e recolhido que ella tomava nas igrejas, rezando. Enternecidamente deixei-me estar olhando-a, sem que ella me visse, e ia dizendo de mim para mim quanto ella era linda, quando de repente, lá do adro, me chegaram, nitidas e claras, latidos enfurecidos que logo percebi serem do Lulu.

A Chica, lá no meio da nave, tivera um sobresalto e bruscamente voltára a cabeça para a porta. Eu, preocupado, dizendo mal á minha vida, ao gallego e ao Lulu, escapulime logo por entre a multidão, para que a Chica me não visse e para correr a vêr porque eram aquelles latidos.

Ai! pobre de mim!... O maldito gallego, correligionario do sr. Affonso Costa e livre pensador como o sr. Pepino da Matta, estivera-me prevendo o animal, e eu fui dar com elle a atizar o Lulu contra uma velha que sabia da igreja:

—Kss!... Kss!... Kss!... que é thalassa!... E o Lulu, enfurecido, ladrava, ladrava,

na terça-feira... Mas quero ter a certeza de que me não falte com elle.

—Pode estar descansada, minha senhora. O vestido lá estará na terça-feira.

—Até ás seis horas, o mais tardar, hein?...

—Sim, minha senhora.

—E' que eu não tenho nenhum outro que me sirva para esse jantar. Se me falta com elle, não sei o que hei-de fazer... Veja lá...

—Pode ter a certeza de que ás seis horas o vestido está lá em casa.

Dois dias depois a Emilinha foi á ultima prova do vestido e como lhe parecesse que elle não estava muito adeantado, assustou-se com isso, e de novo recommençou com as suas recommendações:

—Veja lá não me falte... E' na terça-feira o jantar... Por amor de Deus tenha-me lá o vestido ás seis horas, o mais tardar... Acredite no que eu lhe digo... Olhe que não estou a enganar-a... O jantar é na terça-feira... Posso mostrar-lhe o convite, se quiser... Se não tenho o vestido na terça-feira, até ás seis horas... não sei o que hei-de fazer.

—Oh! minha senhora... pode ir descansada.

Na terça-feira a Emilinha depois d'um dia inteiro passado em visitas e em passeios, volta para casa ás oito horas, e logo de entrada pergunta á creada que veio abrir-lhe a porta:

—Ainda não trouxeram o meu vestido?

—Ainda não, minha senhora.

—O quê?... Ainda não!... Ah! mas isto é demais...

N'esse momento batem á porta, e uma raparigota, empregada da modista, entra com o vestido.

—Diga lá á senhora, exclamou a Emilinha mal á viu, diga lá á senhora que isto é uma vergonha!... Dizer-lhe eu que o vestido era para hoje... que era hoje o jantar a que tinha de ir... prometter-me, garantir-me que me teria aqui o vestido ás seis horas e afinal de contas só m'omanda a estas horas...

E a Emilinha, nervosamente, consultava o relógio:

—A estas horas... quasi ás nove horas!... Ah! as modistas!... as modistas!...

A raparigota esfogueada pousou o vestido sobre um sofá e sahiu, acompanhada até á porta pelas recommendações da Emilinha que lhe repetia:

—Veja lá, não se esqueça... que é uma vergonha, que isto não se faz a ninguém, e muito menos a uma freguezia como eu... tão antiga.

E de repellão fechou a porta.

Depois, ainda nervosa, voltou para a salêta onde o marido resignadamente esperava que ella se resolvesse a mandar pôr o jantar na meza.

E foi só no fim, quando começava tomando o café, que a Emilinha poz ponto no assumpto, exclamando:

—Olha se eu lhe tenho dito que o jantar é no sabbado!...

E desde que ha freguezas e modistas que umas ás outras assim veem enganando-se mutuamente; as modistas porque sabem que as freguezas pedem sempre os vestidos para mais cedo de que precisam, as freguezas porque sabem que as modistas só dão os vestidos mais tarde do que promettem.

L.

emquanto a velha, de chapéu de chuva em punho descompunha o moço e ameaçava o cão.

Corri a pôr termo ao escandalo, descompuz o gallego, que teve a pouca vergonha de me levar mais meio tostão porque o animalzinho era muito arisco, e tomei conta outra vez do Lulu.

Mas, ai! a scena do gallego juntára em volta do cão uma quantidade de garotos que não me deixaram mais em paz. A cada pessoa que passava punham-se todos em córo para o Lulu:

—Ah! Kss!... ah! Kss!... que é thalassa!...

E o diacho do animal ladrava, ladrava, que parecia que andára toda a sua vida pelos comicios republicanos.

Por fim appareceu a Chica. Vinha fula. Seccamente tirou-me da mão a correia do animal, e com um: *Não serves para nada!* sibillento, enfiou para o primeiro trem que appareceu, emquanto os garotos em volta continuavam aticando o estafermo do cão, que não parava de ladrar.

N'essa noite não consegui fallar á Chica, e na manhã seguinte cahiu-me a alma aos pés, quando a creada me entrou no quarto com o Mundo, que o guarda-portão lhe emprestára para que eu lêsse uma noticia que lá vinha a meu respeito e que dizia assim:

Cão anti-clerical—*Foi hontem muito apreciado á entrada da igreja da Magdalena um formoso cãesinho, que,—demonstrando muito mais intelligencia que certas estupidas creaturas que com as suas carolices deshonram a dignidade humana,—enfurecidamente investia com as beatas, thalassas e canastras que sahiam do templo. Dizem-nos que o intelligente animal pertence ao sr. Anselmo da Conceição, verdadeiro patriota e espirito esclarecido, adverso a todas essas mentiras em que chafurda a malta clerical.*

Tive um ataque de furia e por momentos senti-me duplamente Baêta, porque senti ganas de matar o cão e de matar o jornalista.

Procuerei, porém, serenar, e todo o dia estive reflectindo na maneira de me desvenenar de toda aquella embrulhada.

Como conseguil-o?

Anselmo.

Um pouco de tudo

— Esteve no Porto o sr. Barão de Cadóro.
— Já regressaram ao seu solar os nobres Condes da Borralha.

— Estão em Hespanha a senhora D. Fernanda de Magalhães e Menezes Wan-Zeller e seu marido, o sr. Fernando Wan-Zeller.

— Esteve em Lisboa o nosso amigo Cypriano Canavarro d'Almeida e Brito.

— Estão em Lisboa, demorando alguns dias, os nossos amigos Antonio Bernardo Ferreira, Francisco Figueiredo Cabral, Francisco Wan-Zeller Pereira Cabral e João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

— Regressou quinta-feira ao Porto o nosso amigo João Paulo Sampaio Mexia (Pombeiro).

— Está em Vigo o distincto engenheiro e nosso amigo snr. Luiz Wan-Zeller Cabral, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Rebello Valente Cabral.

— Realiza-se amanhã o casamento da senhora D. Maria Basilia Freire de Albuquerque Soares d'Albergaria, interessante e gentilissima filha da senhora D. Anna de Magalhães Freire e do illustre lente da Universidade de Coimbra sr. Dr. Basilio Freire, com o nosso amigo, intelligente alumno da Universidade, sr. Alvaro Pinto de Magalhães (Alijó), filho dos senhores Viscondes de Alijó.

— Está marcado para meados de abril um festa hyppica organisada pelo Centro Hyppico do Porto, no Campo do Bessa.

das janellas, dá um pulo na cama, senta-se, assôa-se, apura o pigarro, acende a vela da palmatoria e grita para a familia:— já sei onde se ha-de ir buscar dinheiro. E pedindo uma simples folha de papel almasso, traça um projecto de lei, muito simples, muito curto, muito claro: «pela lei de 4 de maio de 1911, o contribuinte tem o direito de pagar, em prestações, a sua decima predial, mas o o Estado precisa de dinheiro, e substitue-se esta faculdade pela obrigação restricta de ir já e a correr, pagar não só a primeira prestação, mas a segunda tambem!»

Que importa saber se o contribuinte tem recursos para esse pagamento! Arranje-os, e como a lei considera, vencida a segunda prestação e não paga a primeira, relaxada a contribuição, é andar ligeiro porque se não executa-se!

Esfregando as mãos de contente, o estadista manda o secretario copiar o projecto e vae para o trabalho. Até ás quatro horas, recebe visitas, conversa com os amigos, despacha cousas, e a correr, ahi pelo entardecer, mette-se no automovel e bate para S. Bento. Sobe a correr a escadaria de pedra, toma logar no ascensor, mal cumprimenta os continuos fardados de novo, e entra na sala. Pede a palavra. Faz-se o silencio respeitoso imposto pelos dictadores, ainda os mais mal disfarçados, e o orador apresenta o projecto. Pede a escusa do regimento, a dispensa da leitura, a approvação immediata, a dispensa da ultima redacção. Regimento, praxes, leis, tudo se esquece. O que é preciso é votos.

E os deputados votam, á uma, sem um protesto, sem uma reflexão, sem um reparo!

O estadista torna a metter o projecto na pasta e desata a correr para o Senado. Ahi, ainda se ouvem duas vozes discordantes, ainda alguém esboça ligeiramente umas phrases de duvida, mas o estadista cada vez mais apressado grita-lhes lá do banco ministerial:

— Ainda lá está muita coisa no sacco!...

E com aquelle seu sorrisinho escarnekedor, acrescenta de mão aberta, a mandar esperar:

— Verão! verão!

E vão vêr. Vota-se a proposta, um senador pede que ella seja dispensada de ir á commissão de redacção, e então dá-se um golpe terrivel, verdadeiramente theatral! No meio de um grande silencio, do alto da sua cadeira, o presidente volta-se para o chefe do governo e pergunta:

— Tambem não foi na Camara dos Deputados?

— Não senhor.

E dispensa-se a ultima redacção!...

Em menos de duas horas, num abrir e fechar d'olhos, em meia duzia de linhas, esfarrapa-se uma lei, surripia-se uma faculdade concedida ao contribuinte que é o paiz e disse-se-lhe: Arranje-se como quizer e vá pagar duas prestações da sua decima, porque se não o fisco cae-lhe em cima e põe-lhe em praça a propriedade.

E o contribuinte que vê a sua propriedade abandonada pelo rendeiro que emigrou, que não encontra novo inquilino, que não sabé como a ha-de valorisar, dá tragos á imaginação para arranjar dinheiro e ir pagar a contribuição, dez vezes maior agora que nunca, no tempo em que lhe rendia alguma cousa!

Mas pague e não bufe, porque... ainda lá está muita coisa no sacco!

Quarta-feira, 26.

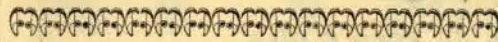
Raul.

Na Guiné

Por Frederico Pinheiro Chagas

(2.ª edição) Brevemente á venda.

Annuncios



Herminio Pereira da Silva Pinto

TORRES NOVAS

COMMISSARIO DE VINHOS E AZEITES

Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus

Compra e venda á commissão e de conta propria



Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Notas

d'um Lisboaeta

2 bellos volumes

Preço 1\$200 reis

A' venda

nas principaes Livrarias.

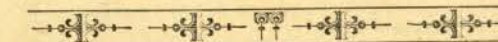


PÃO DE GRAÇA

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente — PADARIA NACIONAL - Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filias).



Atelier de Roupa Branca

M. d'Aguiar Leitão

Proprietaria e directora:

Marqueza Izabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora, (especialidade d'esta casa).

ENXOVAES PARA CASAMENTO. ENXOVAES PARA BAPTISADO.

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22—PORTO (A' entrada da R. de Santo Ildefonso)

CIGARROS

Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano A marca de maior successo em Portugal

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

HEROES DE CHAVES

Nova marca de cigarros Manipulados com finissimo tabaco havano suave

SUCCESSO COLOSSAL

Em todas as tabacarias 15 CIGARROS, 90 REIS

PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 101 LISBOA

Recebeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural; sortimento de elixires, pasta e pós dentifricos.

LEGITIMOS

CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de Salon

CREMES d'Herbe Divine

Universalmente conhecidos... como os mais higienicos

Não affectam a garganta

Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

Joaquim Leitão

OS CEM DIAS FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução») Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 1\$000 REIS

A' venda nas principaes livrarias

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

**EMPRESA NACIONAL
DE NAVEGAÇÃO**PARA A COSTA
OCCIDENTAL D'AFRICA**Sahidas em 7 de cada mez:**

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambri-zette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositaros da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

**COMPANHIA DO GAZ
DO PORTO****Distribuição de Coke a domicilio**

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro). 85000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

Cimentos

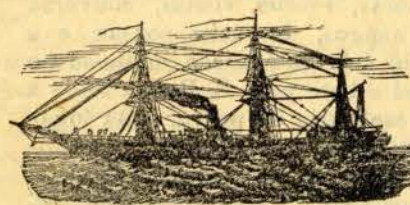
NACIONAES

E ESTRANGEIROS

FOR GROSSO

Vantagens excepçionaes para grandes fornecimentos
e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.^a
LISBOA.



COMPAGNIES
DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar

A 8 de Abril o paquete *Valdivia*.A 22 de Abril o paquete *La Gascogne*.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Sequana*.

Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

A 1 de Abril o paquete *Garonna*.**K. H. Lloyd (Mala Real Holandea)**

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.A 28 de abril o paquete *Frisia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 9 de Abril o paquete *Frisia*.A 29 de Abril o paquete *Zeelandia*.**Linha Cyp. Fabre & C.^o**

Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal. A 26 de Abril o paquete *Roma*. A 5 de Abril o paquete *Germania*.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para *Marselha*. A 11 de Abril o paquete *Roma*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

EM LISBOA

Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva

dos fabricantes inglezes

D. LEONART & C.^o

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES

Antigo assistente das clinicas de Paris,
Berlim, Londres e ViennaDoenças genito-urinarias,
venereas e syphiliticas

Diagnosticos e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.^o

DAS 2 ÁS 5 HORAS

Telephone, 143

COMPANHIAS DE SEGUROS**La Union y el Fenix Español**
de Madrid**Union Maritime** de Paris**Mannheim** de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LINA MAYER & C.^aR. da Prata, 59-1.^o—LISBOA